

“O Estado era uma babá para os alemães orientais.”

Volker Wagner, historiador alemão

Editor: Luciano Peres > 3218-4345. Editor Assistente: Rodrigo Lopes > 3218-4347



FOTOS RODRIGO CAVALHEIRO

Pedaços da barreira que separou Berlim e simbolizou a própria Guerra Fria seguem em pé apenas em museus ao ar livre, mas os vestígios da divisão persistem

18 anos depois

Um muro

ainda divide a Alemanha

Berlim

RODRIGO CAVALHEIRO

No dia 9 de novembro de 1989, ruiu a barreira que por quase três décadas dividiu a Alemanha. A bordo de automóveis anacrônicos, alemães orientais com roupas e hábitos peculiares invadiram o lado ocidental, como se tivessem saído de uma máquina do tempo. Estavam felizes.

Não esperavam que em novembro de 2007, quando a primeira geração nascida sem o muro de Berlim se torna adulta, houvesse cidades no Leste com desemprego de 21,6%. Tampouco imaginavam que a falta de ocupação voltaria a alimentar uma das maiores chagas da história alemã: o racismo e o ataque aos imigrantes.

– O movimento xenófobo é numericamente pequeno, mas ativo, principalmente na antiga Alemanha Oriental. Além de ter muito desemprego, essa região nunca esteve habituada ao convívio com imigrantes. E

é sabido que onde há mais mistura, o racismo é menor – analisa o sociólogo brasileiro Sérgio Costa, do Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim.

A barreira invisível que separa o



Em 1989, quando você ainda não era nascido, o muro que dividia Berlim, a capital da Alemanha, foi derrubado. Isso foi importante, pois ele era um símbolo da separação do mundo inteiro. De um lado, no Oeste, estavam os amigos dos Estados Unidos. Do outro, no Leste, estavam a União Soviética e seus aliados. Depois da II Guerra Mundial, a Alemanha ficou

com um pedaço em cada lado.

Como os amigos da União Soviética foram ficando pobres, a população ficou braba. Quando o muro caiu e a Alemanha virou uma só, quem morava no Leste achou que ia melhorar de vida logo, mas isso não ocorreu. As fábricas fecharam, muita gente ficou sem emprego e passou a xingar os estrangeiros. Ou seja, o muro não está lá, mas a divisão continua.

Leste do Oeste é percebida de forma diferente pelos jovens alemães como Franz e Stefanie, cujas histórias são contadas na página ao lado. Conhecem o muro por fotos ou museus ao ar livre, como o pedaço acima. Mas a impressão sobre a reunificação está ligada diretamente à origem familiar. Se passaram a vida no Ocidente capitalista, ou no Leste comunista.

Para o historiador alemão Volker Wagner, parte dos orientais acreditava no comunismo e perdeu, de uma vez, uma ideologia e uma nacionalidade.

– Até os professores do lado oriental precisaram ser treinados. A maior dificuldade para as pessoas do lado socialista foi se adaptar a tarefas simples, como vacinar os filhos. O Estado era uma babá para eles – explica Wagner.

A separação, além de econômica e cultural, também é anímica. Professora de literatura em Berlim, a brasileira Ligia Chiappini atesta que os alemães nascidos após a derrubada do muro carregam valores típicos da família e do ambiente em que foram criados.

– Os orientais por vezes carregam o sofrimento dos pais, do desemprego. Muitos não revelam espontaneamente onde nasceram – revela Ligia.

Nos últimos 18 anos, o equivalente a três orçamentos do país foram destinados à reconstrução do Leste. Isso causa um desconforto em parte das famílias provenientes do lado ocidental, que julga estar pagando a conta.

– Há um muro invisível, que só pode ser derrubado com filhos, com novas gerações. As crianças não enxergam a divisão – completa Wagner.

| Entrevista |
Steffen Alisch |
CIENTISTA POLÍTICO

“Falta emprego qualificado”

O cientista político Steffen Alisch conheceu a primeira pessoa que falava inglês aos 18 anos – algo normal para quem cresceu na Alemanha Oriental. Hoje, este professor de 43 anos, da Universidade Livre de Berlim, especializou-se nas diferenças entre o Leste e o Oeste após a reunificação. Em Berlim, ele falou a ZH:

Zero Hora – Depois de 18 anos, é possível analisar melhor os fatores que derrubaram o muro?



Alisch

Steffen Alisch – Em

1989, a DDR tinha só 20% da produtividade da Alemanha Ocidental. Para ter uma idéia, em 1988 o custo de produção de um chip era de US\$ 2 nos EUA. O mesmo chip custava US\$ 534 na DDR. O país então teve de se endividar para acalmar a população.

ZH – Por que a reunificação não ocorreu na prática?

Alisch – Subestimou-se o tempo para mudar a mentalidade do alemão oriental típico, que sempre recebeu tudo do Estado. Ainda hoje as pessoas não entram em movimentos civis. Há um desencanto com a democracia, e o movimento neonazista joga com este sentimento de que o cidadão do Leste está abandonado.

ZH – Há preconceito dos dois lados?

Alisch – Há jovens que nunca viram o muro e se declaram orientais. Depende da influência dos pais, dos amigos e dos professores. Não tem a ver com o muro fisicamente. Há uma divisão econômica, cultural e até psicológica.

ZH – Como o Estado tem combatido estas diferenças?

Alisch – Governos oferecem casas com aluguéis reduzidos, dinheiro para quem fica e até apelam à identidade regional. Mas falta emprego qualificado e interessante.

Stefanie, herdeira do capitalismo

Para os jovens da Alemanha Ocidental, o primeiro desafio é entender o que era a DDR (República Democrática Alemã, nas iniciais em alemão). Parece simples para quem viu em várias partes do mundo o muro desabar ao vivo pela TV. No entanto, para estudantes, a Alemanha socialista é mais uma lição de História, aprendida lá por volta dos 16 anos, em salas de aula e museus.

Para compreender o que se passou em seu país há apenas 18 anos, Stefanie Hoyndorf, de Friburgo, no sul da Alemanha, precisou visitar recen-

temente o Museu da DDR, na cosmopolita Berlim. Ali, descobriu como eram a cozinha, a sala e os hábitos dos vizinhos socialistas. Ao abrir um armário, divertiu-se com as roupas usadas pelas donas de casa. Espantou-se com o número de mortos em tentativas de fuga para o lado ocidental. E aterrorizou-se com o fato de as imigrantes não poderem dar à luz na Alemanha Oriental – deviam regressar a seus países ou abortar.

– Eles comiam coisas diferentes e esperavam 15 anos por um carro. Muitos recebiam comida e roupas pelo rio, enviadas por parentes do outro lado. As diferenças são muito maiores do que eu imaginava – diz Stefanie.

A adolescente de 17 anos, de família abastada, confessa ter dificuldade para entender o êxodo das cidades

do Leste – em 2006, a cidade de Magdeburg chegou a mandar cartas com lembranças locais pedindo aos ex-cidadãos que voltassem para casa. Ao avaliar o muro, a dúvida é maior:

– Não consigo entender as razões pelas quais isso foi construído – admite.

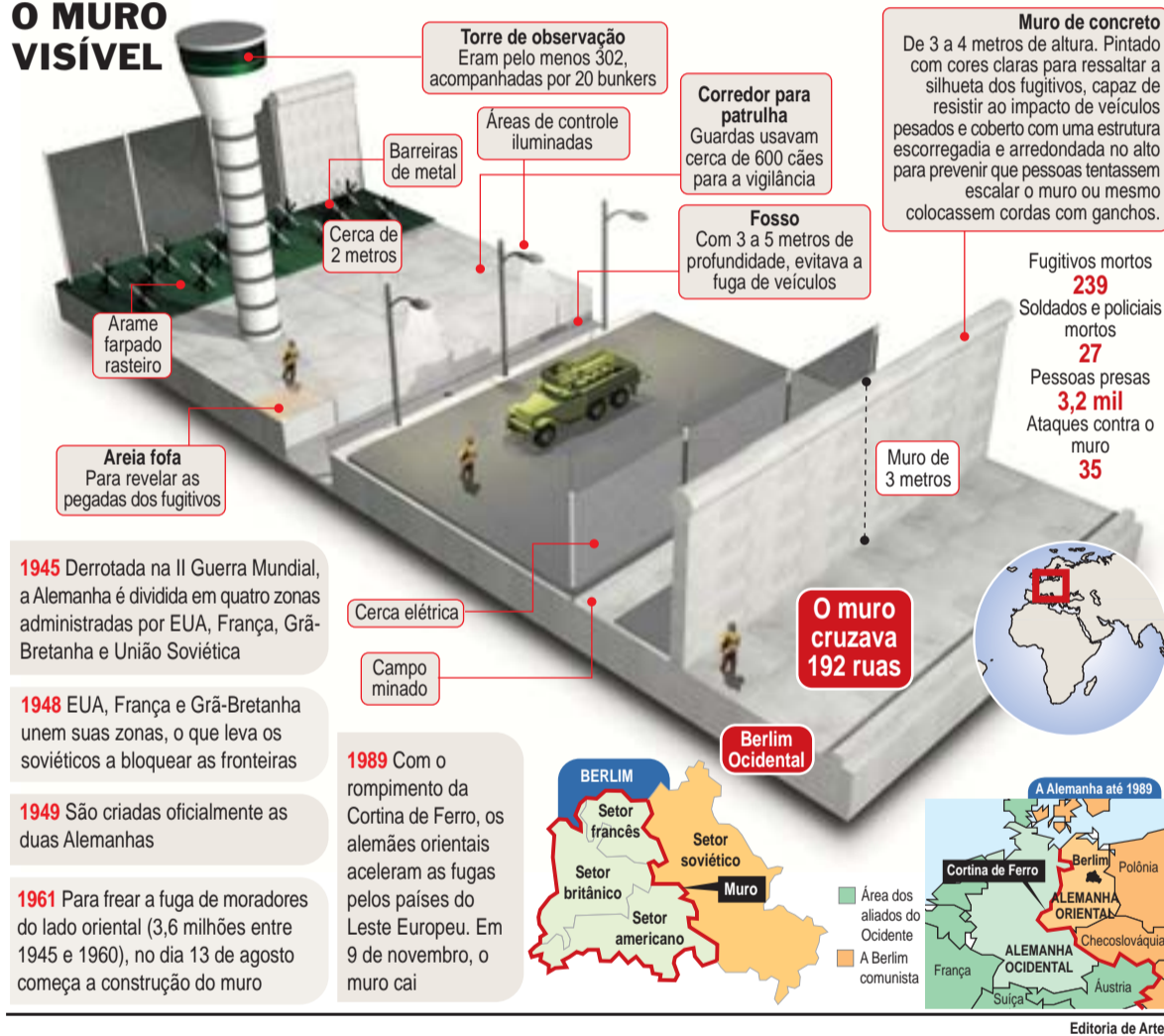
Para quem faz o equivalente ao Ensino Médio, a vida na DDR – sob a vigilância e cuidados permanentes do Estado –, é algo inconcebível, segundo os professores.

– Para eles é como estudar a Idade Média. Os pais normalmente não falam na divisão do país. Então, eles levam ao choque aos 16 anos, quando começam a aprender sobre a Alemanha Oriental na escola – conta a professora de alemão Ursula Stampfer, 54 anos, que acompanhava o grupo de Stefanie em Berlim.



Enquanto estudantes vão a Berlim (acima) entender a reunificação do país...

O MURO VISÍVEL



Franz, herdeiro do comunismo

Franz Schubert é um típico filho de uma família da Alemanha Oriental. A mãe morava a 20 metros do muro, na periferia da antiga Berlim comunista. Com a derrubada do vizinho de concreto, o local se tornou repentinamente o centro da nova capital. O mercado imobiliário se encarregou então de expulsar a família para o nordeste de Berlim, a 20 quilômetros da antiga casa.

– Minha mãe não fala muito de como era o muro, mas acho um vergonha. Mais ou menos o que é a favela para o Brasil – compara.

Franz leva uma vida de classe média baixa. Frequentemente um curso profissionalizante de mecânica, com duração de três anos e meio, no qual ganha 300 euros (R\$ 763). Enquanto reclama da graxa que não sai das unhas, sonha em cursar Hotelaria. Questionado sobre a reunificação, é seco.

– Não é justo que se ganhe o dobro no lado ocidental para fazer o mesmo.

Para estudar Hotelaria, Franz precisaria passar em um exame em que as notas do colégio são decisivas, mas seu desempenho não se compara ao de filhos de famílias mais ricas. Ele também reclama do preconceito de alemães ocidentais e até dos imigrantes – há 115 mil turcos entre os 450 mil estrangeiros, que representam 12% da população.

– Os turcos chegam a dizer “eu sou

mais alemão que você, pois nasci no lado ocidental”. No meu bairro tinha muitos fascistas. Não é bom ter fascistas por perto, mas pelo menos não tivemos problemas com os turcos – afirma.

Apesar das reclamações, Franz pode se considerar um sortudo. Na fronteira com Polônia está Gorlitz, cidade de 57 mil habitantes que encanta os turistas, mas perdeu 15 mil pessoas nos últimos 15 anos. A razão é uma taxa de desemprego de 21,6%. Lá, a agência de empregos já foi apedrejada por neonazistas.

– Ao arregimentar jovens, os nazi não dizem “somos extremistas de direita”. O trabalho é feito em acampamentos, dando diversão a quem se julga esquecido pelo Estado – conta Patrick Helm, um universitário de 27 anos que estuda América Latina.



... em Gorlitz, fronteira com a Polônia, 21,6% das pessoas não têm trabalho